

■ DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Penso, logo escrevo: um projeto de letramento

 Adelaide de Paula Santos*

Resumo: O Projeto “Penso, logo escrevo” é baseado na matriz de referência do Programa de Avaliação Seriada - PAS/UNB e nasceu com o objetivo de atender às necessidades dos estudantes em relação ao aprimoramento de habilidades e competências no uso da Língua Portuguesa em sua diversidade e aplicabilidade. Propõe, além disso, uma reflexão e ação diante da pergunta: “Todos podem realmente escrever?”. É um projeto de letramento realizado desde 2008 como parte essencial de meu fazer pedagógico, que valoriza a construção de conhecimentos significativos e a leitura da realidade na qual estamos inseridos. O projeto utiliza o texto como “isca”, no melhor sentido do termo, para “pescar” os estudantes desavisados (e os avisados também). Assim, por meio da fruição estética de objetos diversos, sobretudo aqueles oferecidos pelo PAS/UNB, os estudantes passam a vivenciar a experiência da narrativa, da poesia, da prosa poética, da crônica e dos outros gêneros e tipos textuais.

Palavras-chave: Pesquisa. Texto. Ensino. Literatura. Objetos do PAS. Inclusão.

* Adelaide de Paula Santos é professora da SEEDF. Contato: adelaidepaula@gmail.com.

Não quero faca, nem queijo. Quero a fome.
Adélia Prado

O Projeto “Penso, logo escrevo”¹ é baseado na matriz de referência do Programa de Avaliação Seriada - PAS/UNB e nasceu com o objetivo de atender às necessidades dos estudantes em relação ao aprimoramento de habilidades e competências no uso da Língua Portuguesa em sua diversidade e aplicabilidade. Propõe, além disso, uma reflexão e ação diante da pergunta: “Todos podem realmente escrever?”. É um projeto de letramento realizado desde 2008 como parte essencial de meu fazer pedagógico, que valoriza a construção de conhecimentos significativos e a leitura da realidade na qual estamos inseridos. O projeto utiliza o texto como “isca”, no melhor sentido do termo, para “pescar” os estudantes desavisados (e os avisados também). Assim, por meio da fruição estética de objetos diversos, sobretudo aqueles oferecidos pelo PAS/UNB, os estudantes passam a vivenciar a experiência da narrativa, da poesia, da prosa poética, da crônica e dos outros gêneros e tipos textuais:

Esses Objetos de Conhecimento foram elaborados em trabalho coletivo, envolvendo professores das escolas públicas e particulares do Distrito Federal e docentes da Universidade de Brasília e ainda foram aprovados em fóruns abertos a todos os interessados. Interdisciplinares e utilizados de forma contextualizada, são eles que auxiliam os estudantes a desenvolverem as habilidades e competências estabelecidas na Matriz de Referência, fundamentais para o futuro universitário (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, s.d., p. 1)

Durante as aulas, as atividades e discussões surgem e giram em torno de um “texto-delícia”, que tanto pode ser um trecho de um livro, um poema, uma frase, uma notícia, um fato ou uma imagem. Esse objeto pode ser uma proposição trazida por mim ou pelo estudante, algo que ele escolheu com cuidado em casa ou simplesmente leu ou viu enquanto vinha para escola. Inclusive, os textos retirados da intervenção no espaço público como o grafite, a poesia dos muros, “banners” e placas são muito bem-vindos e despertam a atenção do jovem leitor. Além disso, utilizo também músicas, trechos de filmes, séries de televisão, novelas, propaganda e publicidade, “posts” de sites de relacionamento, curta-metragem ou qualquer outro texto que estiver em destaque e no centro da atenção de meus alunos.

Dessa efusão de textos e experiências, surgem momentos deliciosos de escrita, encenação, contação de histórias e muita cantoria. E também, claro, a curiosidade de uma turma em ver o que a outra está fazendo durante a aprendizagem. Por conta disso, organizo por bimestre o projeto a fim de aprimorar o trabalho e adequá-lo à realidade escolar, afinal, preciso planejar todo o projeto e ver como ele contribui para o crescimento discente. Afinal,

Mudar a mentalidade de que fazer planejamento é preencher formulários (mais ou menos sofisticados). Antes de mais nada, fazer planejamento é refletir sobre os desafios da realidade da escola e da sala de aula, perceber as necessidades, re-significar o trabalho, buscar formas de enfrentamento e comprometer-se com a transformação da prática. Se isto vai para um plano escrito depois, é um detalhe! (VASCONCELLOS, 1995. p. 59).

As etapas do projeto acontecem bimestralmente, acompanhando o calendário da Secretaria de Educação - SEE/DF. Escolhi as atividades mais apreciadas pelos estudantes para concluir cada uma das etapas. São elas:

- 1ª Etapa: Um mundo de histórias - Portfólio das obras literárias;
- 2ª Etapa: Fatos, ficção e invenção - Jornal de Época;
- 3ª Etapa: A vida como palco - Sarau Lúdico;
- 4ª Etapa: Todo pensamento pode ser escrito – Livro: “Penso, logo escrevo”.

Esses trabalhos valorizam as diversas inteligências e a criatividade na construção do conhecimento. Assim, os estudantes podem utilizar suas competências e habilidades durante o processo cognitivo. As atividades oferecidas podem ser entendidas assim: O “Portfólio” propõe a recriação de uma obra literária por meio de imagens, textos e reflexões, aliando ao enredo inicial percepções de outras áreas do conhecimento. O “Jornal de Época” oportuniza a confecção de um periódico, enquanto os estudantes revisitam fatos e invenções do passado, bem como as implicações deles no presente. “O Sarau Lúdico” explora as artes em geral e propõe o protagonismo juvenil, já que todo evento depende da atuação dos estudantes no palco e fora dele. Além disso, desperta a fruição estética, contribuindo para a formação de novas plateias. O sarau tem como identidade o recorte histórico, através da caracterização de um salão da corte no Brasil, no século XIX. Por isso, figurinos e cenários exploram aspectos daquela época, assim como a sonoplastia resgata criações clássicas e populares, como as deliciosas composições de Chiquinha Gonzaga. No palco, resgatamos as escolas literárias em estudo, viajamos pelo Romantismo a partir do lirismo de *I Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, passando pela ironia e o humor machadiano em textos como *Dom Casmurro* ou *O Alienista*, até chegarmos aos autores do Simbolismo como Cruz e Sousa em seu poema *Antífona*. É evidente que a contemporaneidade também se faz presente nesse evento, por meio dos outros objetos de nosso estudo diário; exemplo disso são as canções propostas pelo PAS/UNB, como “Em plena lua de mel”, versão da banda Pedra Letícia ou um dos clássicos de nosso cancionário erudito “O Guarani” de Carlos Gomes. A riqueza do sarau está justamente na diversidade de olhares sobre a realidade, em épocas tão distintas e peculiares.

Na última etapa, transformamos os textos escritos ao longo do ano letivo em livros impressos – ou seja, damos visibilidade ao texto revisto, depois de passar pelo processo da correção e reescrita. Um caminho longo e um tanto quanto doloroso, pois confronta saberes e evidencia o “erro”. Mas, neste projeto, o erro é visto como uma evidência das pressuposições que os estudantes fazem a respeito do ato de escrever na língua materna, tais como: “escreve-se como se fala”; “a escrita é igual à fala, não requer planejamento”; “esse texto só vai ser lido por mim”; “todo mundo entende o implícito ou depois eu explico”. Todas essas hipóteses são exploradas e desconstruídas ao longo da revisão e reescrita, o que habilita o jovem escritor a produzir textos mais consistentes com relação ao campo semântico e sintático. Trabalhamos, sobretudo, com o artigo de opinião, modalidade em que o estudante pode, por meio da palavra escrita, tornar-se sujeito

de sua história, refletir e interferir na ordem das coisas e da sociedade em que vive.

O conhecimento construído ao longo do desenvolvimento desse projeto extrapola os limites da disciplina de Língua Portuguesa, alcançando outras áreas, outras disciplinas. Por isso, o projeto “Penso, logo escrevo” tornou-se um trabalho grande, envolvendo todas as turmas do 2º ano, ou seja, aproximadamente quatrocentos estudantes que se mobilizam em torno da questão: “Todos podem realmente escrever?”. Muitos professores se tornaram parceiros da busca por essa resposta, pois o desenvolvimento da escrita e da compreensão de textos são temas que preocupam a todo corpo docente. Assim, cada professor contribui como pode, de maneira espontânea, participando do projeto de acordo com seu planejamento pessoal. Neste sentido, o projeto atende àquilo que é proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. Explicação, compreensão, intervenção são processos que requerem um conhecimento que vai além da descrição da realidade mobiliza competências cognitivas para deduzir, tirar inferências ou fazer previsões a partir do fato observado (BRASIL, 1997, p. 88-89).

Outro aspecto relevante para que tudo transcorra de maneira satisfatória é a formalização do “Contrato pedagógico” com os estudantes desde o início do ano. O contrato, escrito de maneira resumida, propõe uma relação respeitosa entre os pares no processo de ensino-aprendizagem. Esse contrato, renovado e revisto bimestralmente, assegura a confiança e o comprometimento necessário à realização de trabalhos coletivos. Nesse contrato, são apresentados – com a transparência necessária – os objetos de estudo, os objetivos a serem alcançados em cada etapa do projeto, os prazos, o papel de cada um de nós e as estratégias e critérios avaliativos. Ao longo do bimestre, os alunos podem opinar sobre o que será feito e sugerir alterações no plano anteriormente aceito. A autoavaliação também é utilizada como uma forma de promover reflexões e criar comprometimento e é realizada por meio de um relato, não necessariamente escrito, a partir de perguntas provocativas.

Os alunos com necessidades especiais também participam do projeto, pois os trabalhos são, em sua maioria, coletivos e inclusivos, o que permite muita cooperação entre os participantes. Exemplo disso aconteceu em 2014, ano durante o qual um estudante portador de deficiência visual participou de todas as etapas do projeto, escrevendo inicialmente seus textos em

braille e, posteriormente, digitando-os em Língua Portuguesa. Ele também participou de filmagens nas quais ensinava o futebol praticado por cegos e, finalmente, atuou no palco, declamando o poema “A vida em braille” de Marina Mara, poeta e ativista cultural da cidade.

No entanto, a inclusão acontece mesmo é no dia a dia e, nesse processo, me incluiu. A experiência com o aluno em questão, o primeiro aluno portador de deficiência visual com o qual tive a oportunidade de trabalhar, me levou a experimentar novas facetas no meu fazer de educadora. Eu que visava o letramento para estudantes com visão, me surpreendi ao lidar com alguém que “enxerga” pelas mãos. Confesso que ainda me assustava quando o referido aluno interrompia minha fala, opinava sobre algo, se fazia visível e me retirava da cegueira branca em que me encontrava.

Vê-lo aproveitar cada detalhe da aula me ensinou que todos podem aprender e mesmo ensinar a qualquer um. Ensinou-me que o letramento é muito mais amplo do que até então imaginei e o aprendizado do letramento inclusivo é construído na interação professor-aluno; se trata de um campo de pesquisa que demanda um movimento intenso de educadores no sentido de criar e recriar metodologias que coloquem nos dedos as sensações que o mundo oferece. As obras do PAS/UNB me ofereceram um leque diverso de músicas expressivas como “Santuário” e “Sobradinho” que proporcionaram um deleite auditivo para todos; também xilogravuras, como a obra “Via Láctea” de Gilvan Samico, que podiam ser reproduzidas em alto relevo.

Pessoalmente, sinto-me plenamente realizada com os resultados obtidos com o projeto de letramento “Penso, logo escrevo” que se utilizou dos objetos do PAS/UNB. Afirmo categoricamente que esse trabalho tem resultados qualitativos concretos. Os alunos, efetivamente, aprendem a escrever melhor e a apreciar um bom livro e uma boa poesia.

Desde 2012, tenho inscrito meus alunos em diversos concursos literários e orientado a escritura desses textos de acordo com os critérios que utilizo no Projeto, tendo obtido êxito significativo nessa empreitada. Exemplo disso foram as premiações recebidas por alguns alunos em concursos de redações. Na Bienal de Literatura de 2012, uma de minhas estudantes foi vencedora em duas categorias, poesia e conto; logo em seguida, essa mesma menina foi vencedora do prêmio Jovem Senadora, representando o DF, ou seja, em um concurso de redação em nível nacional. No mesmo ano, também tive um aluno semifinalista na Olimpíada de Português. No ano de 2014, tive a grata surpresa de ver um dos meus alunos semifinalista da Olimpíada de Português. E, em 2015, outra aluna minha ficou em 2º lugar na edição do prêmio “Jovem Senadora” daquele ano. Esses dados representam muito em meu trabalho e enaltecem a escola pública quando comprovam que todos podem escrever se bem orientados. ■

Notas

¹ Este artigo apresenta e descreve o projeto “Penso, logo escrevo” desenvolvido a partir da matriz de referência do Programa de Avaliação Seriada – PAS/UNB.

Referências bibliográficas

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEF

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (s.d.), **Matriz de Referência do Programa de Avaliação Seriada – PAS/UNB**.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: Projeto de Ensino Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico. 7ª edição. São Paulo 2000. Editora Liberdade.